*DILEMAS E DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO NA VIDA COTIDIANA: AS RELAÇÕES HUMANAS NA ERA DA INTERNET**

*Patricia Machado***

*William Ladeia de Carvalho****

RESUMO

Esse artigo versa sobre as transformações da comunicação na era digital e busca refletir sobre as relações humanas em um cotidiano cada vez mais mediatizado. O objetivo desse estudo é investigar os efeitos do uso da tecnologia na comunicação interpessoal e seus desdobramentos. A metodologia inclui a revisão bibliográfica e a verificação do estado da arte por meio dos estudos de autores que se debruçam sobre o tema da comunicação, do comportamento humano e da tecnologia digital. Por meio do diálogo com nossa base teórica, observamos que as facilidades de comunicação propiciadas pelo uso das mídias digitais incluem paradoxos, dilemas e desafios presentes no cotidiano dos usuários.

Palavras-chave: comunicação digital; mídias sociais; contemporaneidade; comportamento humano; cotidiano.

INTRODUÇÃO

Quais são e como se dão os dilemas e os desafios que envolvem a comunicação na vida cotidiana e as relações humanas na era digital? Tema cada vez mais relevante os estudos sobre a comunicação digital vai além das tecnologias, pois tem influenciado não só como nos comunicamos, mas também tem transformado a percepção sobre si mesmo e sobre as relações: com o outro e com o mundo.

Uma das marcas da contemporaneidade é a sensação de ritmo acelerado, quase vertiginoso, dos avanços tecnológicos. As tecnologias que compõem

* Trabalho de conclusão do curso “Correntes teóricas da Comunicação” – Poscom/Umesp, 2018.

** Doutoranda do Programa em Comunicação Social da UMESP. Bolsista Capes. E-mail: foxmachado@gmail.com.

*** Doutorando do Programa em Comunicação Social da UMESP. Bolsista Capes Taxa. Docente da Escola de Negócios FMU e de cursos da Hospitalidade do Grupo Educacional Hotec. E-mail: williamcarvalho2003@yahoo.com.br.

a comunicação na era digital expressam essa aceleração e isso vem causando reverberações nas relações humanas.

O poder das vozes das massas ressoa cada vez com mais força. Se por um lado a comunicação tem feito alterações consideráveis no cotidiano humano, essas mesmas alterações passam pelo crivo de uma análise mais apurada sobre as consequências da intensidade dessa conectividade.

Publicações recentes no Brasil e no mundo têm chamado a atenção sobre as consequências causadas pelo excesso do uso de alguns dispositivos, tais como os smartphones. A dificuldade na gestão do tempo, a falta de concentração e o desenvolvimento de psicopatologias são alguns dos problemas enfrentados.

O objetivo deste artigo é refletir sobre os efeitos das redes e do uso dos celulares como partes da mediatização na comunicação interpessoal. Nosso questionamento norteia a seguinte indagação: quais as nuances e possíveis “efeitos colaterais” que envolvem o uso constante dos dispositivos e das plataformas, tais como as mídias sociais, na era da comunicação digital?

Nosso percurso metodológico é a revisão bibliográfica de trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras que abordam a comunicação digital na contemporaneidade. Além disso, buscaremos dialogar com a base teórica no intuito de contribuir no avanço das pesquisas sobre o tema.

COMPORTAMENTO HUMANO NA ERA DA INTERNET

A era digital, considerada fruto da terceira revolução tecnológica, vem causando consideráveis mudanças no mundo contemporâneo. O sucesso dos smartphones e de outros dispositivos móveis impulsiona um mercado amplo e que se renova constantemente. Contudo, as transformações no comportamento humano relacionadas ao uso de tais dispositivos – e também das inúmeras plataformas digitais – envolvem consequências na comunicação que podem ser estudadas de modo mais profundo.

Uma das mudanças no cotidiano foi justamente o tipo de vínculo estabelecido entre os usuários e os dispositivos que influenciam não só no ambiente pessoal e profissional, mas também nos modos de socialização.

Nas décadas passadas, muitas pessoas aguardavam ansiosas a tão esperada noite de sábado para sair, paquerar, encontrar amigos e se divertir em casa noturna. Buscando uma interação prazerosa e divertida, essa era uma das formas mais usuais de entretenimento de jovens e adultos.

Alan Bell e Martin Weinberg (1979, s/n), descrevem que a paquera num bar dos anos 70 como uma cena de alguém que procura uma lente de contato perdida na altura dos olhos. Prevalecia a busca pela conexão, a arte do encontro e, quiçá, a possibilidade de um futuro relacionamento ao som de músicas variadas. Com o advento do celular e das músicas nos fones de ouvido, algumas casas noturnas se adequaram ao novo comportamento dos usuários, permitindo o casamento entre oferta de espaço e a liberdade de escolha do som.

Imagine uma festa, cuja música é ouvida individualmente por meio de fones de ouvido distribuídos no início da festa. O silêncio é absoluto e, mesmo com o *DJ* presente na festa, cada um é livre para se conectar, ouvir e dançar ao som da música que mais lhe apetercer, sem precisar interagir com os demais presentes (MARTINO, 2014, p. 123).

Fátima Sá, repórter do jornal O Globo, conta que esse tipo de festa foi criada em 2005 no Festival de Glastonbury (Inglaterra): a chamada de *Silent Disco*. No Brasil essa experiência aconteceu pela primeira vez durante a Virada Cultural de São Paulo em 2008. Em 2010, foi a vez da boate carioca Dama de Ferro produzir o “Clube do Silêncio”. A criadora do evento Adriana Lima relatou à repórter que esse tipo de festa poderia ocorrer até em um hospital e ainda comemorou dizendo que os vizinhos da boate finalmente gostariam dela, já que o som que adentra a madrugada não perturbaria mais os moradores do entorno (SÁ, 2010).

Com o intuito de atrair mais clientes e percebendo a importância que os consumidores dão às facilidades dadas pelos smartphones, o mercado tem investido no desenvolvimento dos mais variados aplicativos de compra, encontros, organização de tarefas, entretenimento, jogos, dentre outros. A praticidade e a rapidez necessárias no cotidiano contemporâneo estão ao alcance de um toque na tela do celular.

Na opinião de Turkle (apud MARTINO, 2014, p.126), as transformações sociais são as principais consequências causadas pelo uso do celular. A observação da pesquisadora ladeia como as relações sociais se definem a partir do uso das mídias digitais.

De acordo com as jornalistas Elisa Tozzi e Natalia Gômes da revista *Você S/A*, outubro de 2018, revela que 41% dos brasileiros entram em pânico longe de seu *smartphone*. O resultado do uso excessivo é de uma população estressada e pouco criativa (GÔMES, TOZZI, 2018, p. 20).

A jornalista estadunidense Catherine Price, autora do livro “Celular como dar um tempo?” lançado em 2018, salienta que mesmo ocupados os usuários também se sentem improdutivos e, mesmo conectados, se sentem solitários. A liberdade propiciada pela tecnologia também funciona como uma espécie de prisão (GÔMES; TOZZI, 2018, p. 21). A tensão paralisante da qual a autora se refere se deve ao fato de observar quem de fato está no controle na relação: o celular ou o usuário.

As facilidades permitidas pelos smartphones ainda impressiona os usuários, salienta Cristiano Nabuco, psicólogo e coordenador do Grupo de Dependência Tecnológica do Programa dos Transtornos do Impulso do Instituto de Psiquiatria da USP: “Por ser muito recente, o ser humano ainda se encontra deslumbrado com tudo o que a tecnologia pode fazer” (GÔMES; TOZZI, 2018, p. 22).

É salutar admitir que a tecnologia é de suma importância no desenvolvimento da agricultura, da medicina, da indústria e na disseminação do conhecimento. Contudo, os questionamentos mais agravantes permeiam as relações humanas e o uso do celular.

Outros questionamentos de Turkle (apud MARTINO, 2014, p. 124) referem-se com as escolhas que os usuários fazem ao decidirem pelas relações intermediadas pelas mídias digitais quando poderiam optar por se relacionarem fisicamente.

Como defendem outros autores abordados neste artigo, parece haver uma relação entre o medo do vínculo com outras pessoas e o excesso de uso da *internet*. O acesso à vida pessoal do outro é facilitado por meio das mídias sociais, mas isso não significa um alto grau de amizade. Nesse caso, as mídias estão redesenhando as noções de intimidade e proximidade entre os amigos (TURKLE apud MARTINO, 2014, p.124).

Nos perfis das mídias sociais é corriqueiro perceber como os usuários podem criar uma imagem que possibilite mais curtidas e atraia mais seguidores, a dificuldade consiste em manter a mesma imagem criada via *internet* quando as relações passam para o campo das interações pessoais e vice versa.

O fator exibicionismo também é característico do fenômeno das mídias sociais, na busca pela quantidade de visualizações, tudo é válido, fotos e *selfies* com tratamentos de *photoshop*, exposições do corpo, de bens materiais e até problemas de saúde ganham espaços em busca de popularidade.

O psicoterapeuta e pesquisador londrino Brett Kahr trata das variações do termo exibicionismo além do aspecto clínico. Ele afirma que “embora

costumemos achar que o exibicionismo é um estado clínico, ele também pode designar uma forma de relação interpessoal com consequências desagregadoras” (KAHR, 2005, p.8). Nesse sentido, vários são os casos de usuários que depois de uma exposição feita via rede social, amargam problemas de ordem profissional e também pessoal. Pessoas já terminaram relações amorosas e foram demitidas por causa de publicações que comprometeram sua reputação pública.

O imediatismo dos usuários das redes sociais faz com que tudo se torna válido para ser assunto e fazer sucesso na *internet*. Esse tipo de comportamento é potencializado pelos exemplos de celebridades instantâneas que ganharam notoriedade no mundo virtual. O problema é que a fama rápida também pode ser passageira e causar uma sensação de frustração em curto prazo. Na mesma velocidade a “ciberintimidade” se transforma em “cibersolidão” (TURKLE apud MARTINO, 2014, p. 124) com a perda de seguidores que migram para outros canais de pessoas mais interessantes e atraentes.

Turkle (apud MARTINO, 2014, p. 124) chama a atenção para o fato de que a *internet* permite estar anonimamente com todos, nos sites confessionais declarações são feitas sem nenhum pudor, terreno fértil para quem quer desabafar suas lamúrias, algo que presencialmente seria pouco provável. A questão é a quem interessa tanto uma opinião? Depois de escrito ou lido, o circuito se fecha. Talvez a realização seja justamente essa: postar.

A autora observa que há usuários que criam afetividade com os dispositivos: adornam seus celulares com capas coloridas ou douradas e dão nomes carinhosos para os mesmos. Esse vínculo antropomórfico é comum e os usuários não medem esforços financeiros para obterem os dispositivos mais modernos e potentes.

As ambivalências na comunicação *online* também são destacadas por Sheryl Turkle. Por exemplo, há facilidades para encontrar companhias, mas também demandas maiores para mantê-las; é possível tornar-se conhecido na *internet*, mas há complicações para lidar com a exposição da privacidade e da intimidade; há possibilidades de trabalhar em casa, mas podem ser diluídas as fronteiras trabalho/vida pessoal. Por fim, tornou-se mais simples encontrar o outro e também ser encontrado, mas também há dificuldades para se desligar da rede.

Outra situação corriqueira é o foco e a atenção midiaticizada dos usuários e a dificuldade de ficar *off-line*: durante uma palestra ou aula, é comum checar *e-mails*, preparar relatórios e navegar pelas mídias sociais e, de vez em quando

levantar a cabeça da tela mostrando alguma atenção ao que é exposto fora do mundo virtual. Em suma a questiona-se: onde fica a atenção do usuário?

A pré-condição para estar conectado é estar sozinho e com isso os laços de amizade vão ficando mais frouxos. Não é raro encontrar pessoas numa mesma mesa de restaurante, cada uma com seu aparelho celular e conectada com quem não está presente fisicamente no recinto. Segundo Turkle, teríamos aí um exemplo de uma “solidão coletiva e generalizada” (apud MARTINO, 2014, p.126).

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

O crítico cultural Lee Siegel (apud MARTINO, 2014, p. 128) reflete sobre as práticas de uso da tecnologia e o tempo que a mesma ocupa na vida da população. Nesse sentido, o escritor afirma que as tecnologias alteraram as atividades dos usuários transformando-as. Obra da indústria tecnológica, temos a sensação de que nunca um aparelho portátil fez tanto sucesso: os celulares são parte essencial do cotidiano privado e público na contemporaneidade.

É fácil observar a importância do celular na vida dos usuários. Em nossos tempos, quase todas as atividades podem ser realizadas utilizando os smartphones, como realizar compras, pagar contas, acessar e-mails e até organizar eventos.

Para Siegel (apud MARTINO, 2014, p. 128), o individualismo contemporâneo justifica o uso incontrolável de celulares e mídias sociais devido à velocidade das relações pessoais e a flexibilidade dos vínculos. O resultado é um mundo confuso desconectado e fragmentado.

A profusão de aplicativos e sites permite o contato com diversas pessoas em rede, cada qual com objetivos, interesses e conversas díspares que unem e se desintegram sistematicamente. O resultado, muitas vezes, são as experiências desconexas, em que o que se percebe é um caos generalizado eliminando perspectivas de agrupamento ou massa. Como na internet tudo parece ser possível, a produção de cultura nunca foi tão abundante. Siegel salienta que virtualmente qualquer usuário pode ser produtor de cultura e que a internet é o primeiro meio de comunicação de massa.

Uma produção de cultura feita de forma caseira por pessoas desconhecidas no mundo inteiro e compartilhadas maciçamente e repetidamente. Com isso, as grandes corporações de mídia tiveram que correr atrás da perda da hegemonia na produção de cultura, pois perderam espaço para os

internautas que parecem cumprir o papel principal e coadjuvante ao mesmo tempo, e descobriram uma poderosa forma de transformar comunicação em lucro.

Esse fenômeno também despertou o interesse em se tornar conhecido rapidamente e muitos tiveram a oportunidade de migrar instantaneamente do anonimato para a fama. O mundo virtual alterou o *status quo* da “cultura popular” para a “cultura da popularidade”, ou seja, quanto mais visto, mais “curtido”, ouvido, espalhado, compartilhado por mais e mais pessoas (SIEGEL apud MARTINO, 2014, p. 128).

Em relação à curiosidade alheia, Siegel (apud MARTINO, 2014, p. 129), cita os *reality shows* como um dos formatos que possibilitaram que as pessoas tivessem cada vez mais interesse em observar o comportamento do outro. Vigiar pessoas confinadas é uma forma moderna de espiar o vizinho pelo buraco da fechadura. Porém a fechadura está escancarada para o mundo inteiro para ser monitorada o dia inteiro e o que foi visto poderá ficar eternizado em algum lugar das redes e nos mais diversos dispositivos. E, claro, poderá ser oportunamente revisto.

Na vida cotidiana, as pessoas comuns também criam seus próprios *reality shows*, às vezes sem o cuidado e o controle sobre o que será exposto e que podem gerar consequências graves para sua própria imagem.

Para a indústria da comunicação e da tecnologia, este é um tipo de negócio altamente lucrativo e sem prazo de validade, pois os mais diversos modelos de *reality shows* são criados em profusão. Além disso, contam com o interesse de patrocinadores que vislumbram novas e rápidas formas de publicidade.

Sobre a produção de cultura Siegel (apud MARTINO, 2014, p.129) reforça que a liberdade de expressão em rede não quer dizer “explosão de criatividade” e, tampouco, “criação artística”. As mais variadas produções ganham popularidade de forma rápida, não importando a qualidade alcançada.

Ciente da força da tecnologia, o produtor de conteúdos já percebeu o que faz mais sucesso na internet e o que gerará patrocínio. Muitos buscam uma oportunidade de obter ganhos financeiros rápidos e de mudar de vida meio expondo sua rotina e intimidade. Como exemplo, temos o fenômeno dos *youtubers* ou os *instagramers* no Brasil e no mundo.

Em suma, Siegel (apud MARTINO, 2014, p.131) diz que a atuação constante nas mídias sociais pode reverberar tanto em facilidades quanto em problemas. Nesse caso, bom senso e a responsabilidade devem ser constantemente considerados.

LAÇOS E ALTERIDADE NA COMUNICAÇÃO DA ERA DIGITAL

As amizades e os relacionamentos amorosos na contemporaneidade são mediados. Se na era pré-digital a presença física era tida como essencial para a constituição e manutenção dos relacionamentos, já no tempo das inúmeras mídias sociais, smartphones, os aplicativos de “paqueras” e de mensagens instantâneas, a virtualidade se tornou parte “natural” destas relações. Paixões são reveladas em poucos caracteres no Twitter, fotos de cerimônias de casamento são compartilhadas no Instagram, amizades são constituídas e desfeitas por meio do Whatsapp. No entanto, há alguns indícios de que as complexas relações humanas não podem ser totalmente satisfeitas quando a comunicação é limitada ao mundo conectado.

As tecnologias de comunicação na era digital propiciam a sensação de superação das limitações do tempo e do espaço. A comunicação virtualizada daria conta sozinha das necessidades humanas mais profundas, tais como os laços de amizade e as relações amorosas?

A vida que inclui as mídias digitais ao cotidiano é, por vezes, contraditória. Temos a tecnologia como aliada e usamos as mídias para estarmos mais próximos uns dos outros. Ao mesmo tempo, o uso das mesmas tecnologias podem nos afastar uns dos outros ou, ainda, podem influenciar a forma com a qual nos relacionamos. Podemos passar horas no celular conversando sobre o dia-a-dia, trocando fotos, compartilhando links interessantes com pessoas com as quais temos alguma afinidade, mas muitas das vezes não conseguimos tomar um café com um amigo querido ou mesmo visitar um familiar que há muito não é visto e abraçado.

A compreensão do que é amizade está sendo modificada por meio das interações nas mídias sociais. No Facebook, por exemplo, uma pessoa que você mal conhece passa a ser chamada de “amigo” quando é adicionada a sua lista de contatos. Alguém pode ter uma lista de cinco mil amigos virtuais e mesmo assim não ter companhia para uma viagem. O que esse tipo de fenômeno poderia indicar? Em uma entrevista concedida em 2011, Zygmunt Bauman disse que as relações online, caracterizadas pela formação de *networks*, podem significar um enfraquecimento dos laços humanos, estes que se relacionam com a ideia de comunidade. Podemos agregar ao pensamento de Bauman à ideia de laços sociais. Raquel Recuero diz que:

Laços sociais são as efetivas conexões entre os indivíduos, compreendidos por relações nas quais são trocadas informações, suporte emocional, contato

e construída proximidade. Assim, são também compostos pelas interações que vão constituir elementos como confiança, intimidade e outros valores entre os atores sociais (RECUERO, 2014, p. 406).

As reflexões abordadas até aqui podem, de certa forma, dialogar com as ideias do sociólogo Mark Granovetter sobre os laços sociais fortes e fracos. Para Granovetter (apud RUCUERO, 2014) o que caracterizam os laços fortes ou fracos são os valores atribuídos em cada conexão. Laços fortes acontecem, na maioria das vezes, em grupos mais fechados – com características de *clusters*, primam pela “intimidade, confiança e intensidade emocional maiores, normalmente associados aos amigos” e, além disso, exigem maior dedicação de tempo e sentimentos. Por outro lado, os laços fracos falam sobre a relação com os “conhecidos”, funcionam como “pontes” entre indivíduos com características distintas que possuem interesses diversificados (RUCUERO, 2014, p. 407).

Agrega-se aqui o ritmo com o qual nos relacionamos virtualmente e que pode influenciar em nossa noção de vínculo afetivo.

A velocidade das relações virtuais não permite, nesse sentido, se não uma rápida visão e atribuição de sentido ao outro, apropriado na rapidez da atualização dos perfis dos aplicativos ou da troca de mensagens. Sem conhecer o outro parece ser ainda mais complexo conviver com ele. A arquitetura das mídias digitais em rede coloca em jogo, na potencialidade enunciativa, o curso da velocidade. Parece, por conta disso, não existir propriamente uma relação entre enunciados, mas apenas sua exposição contínua, permanente, com poucos ecos, à beira da indiferença (SANTOS, 2015), quando não na ausência completa de ressonância que indica uma solidão potencial no ambiente das mídias digitais (FRANZEN, 2000) (MARTINO, 2016, p. 6).

O curioso é que ao mesmo tempo em que as pessoas “possuem” milhares de (supostos) amigos mantidos nas mídias sociais, há também o enfraquecimento dos laços. Isto repercute num paradoxo apontado por Bauman: “uma pessoa solitária em uma multidão de solitários na mesma situação” (2015, s/n).

Assim, o entendimento sobre o que é a solidão na contemporaneidade também possui relações com o modo com o qual estabelecemos laços uns com os outros e com si mesmos. Ao falar sobre o porquê de nos sentirmos

sozinhos, a antropóloga e comunicadora argentina Paula Sibilia (2017, s/n) levanta a hipótese de que a solidão é um problema no mundo contemporâneo. A noção provinda da modernidade defende que a verdade ou a essência individual está relacionada com a introspecção – ou olhar para dentro de si. Introspecção que a pesquisadora chamada de “diálogo interior”. Já na contemporaneidade, o que define a existência de si mesmo é o olhar do outro e o contato com o outro por meio das tecnologias digitais, tais como os smartphones ou mesmo as mídias sociais. A dependência de visibilidade é apoiada pelas tecnologias, dentre elas, as próprias mídias sociais. O valor sobre si mesmo é medido conforme o número de curtidas ou a quantidade de seguidores.

Pensamos que isso indica mais um paradoxo. O individualismo (aqui significando a prevalência do “eu” em detrimento do “outro”) é, ao mesmo tempo, baseado nas necessidades egoístas e também é pautado na codependência.

Tal “individualismo codependente” parece nortear a noção de alteridade e comunicação na rede. Muitas das amizades no mundo online podem ser editadas, ou seja, são adequadas aos limites do confortável campo das afinidades. Se algum destes “amigos” passa a postar coisas que não agradam ou faz comentários negativos, ele poderá ser simplesmente “silenciado”, deixar de ser “seguido”, colocado na “lista de restritos” e, nos casos mais graves, ser deletado ou mesmo bloqueado. Assim, o suposto “amigo” perderá tal status afetivo e passará a fazer parte de uma lista de “usuários” bloqueados, uma espécie de lista negra das configurações do Facebook e de outras mídias sociais.

O poder de decisão na manutenção das amizades é individualizado, mas a motivação – em muitas das vezes – revela a codependência, pois é baseada em uma opinião ou comportamento supostamente inadequado do outro.

A superficialidade, típica do mundo líquido, também é outro elemento que pode ser agregado às reflexões sobre o fenômeno. As interações – reações e expressões das emoções – são feitas por meio de *emojis* usados para devolutivas rápidas, mas também podem ser identificadas com uma espécie de impessoalidade afetiva. Segundo algumas regras espontaneamente impostas na comunicação midiaticizada, as mensagens de áudio compartilhadas pelo Whatsapp devem ter no máximo um minuto de duração, pois se forem mais longas podem incomodar. A questão parece ser quantitativa, mais que qualitativa. Segundo essa lógica, o que se tem a dizer precisa ter uma certa superficialidade ‘cool’ e, preferencialmente, ser limitado ao imediatismo moralmente aceito na comunicação digital.

Ao falar sobre as relações líquidas e as distinções entre as amizades reais e virtuais, Bauman (2015, s/n) diz que há uma distinção entre o que ele chama de “relações reais” e as “relações online”. A diferença está no quão é difícil (ou fácil) a conexão (ou a desconexão) com o outro. Além disso, a dor e o sofrimento normalmente fazem parte de um término de uma relação pertencente ao mundo *off-line*, o que não necessariamente acontece na maioria das desconexões na internet.

Para Bauman, “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços” (2004, p. 82). Ele indica também que uma das manifestações da proximidade virtual é a separação entre comunicação e relacionamento.

Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado” – mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos (BAUMAN, 2004, p. 82).

Contudo, num mundo em que a complexidade dá a tônica sobre os fenômenos, inúmeras visões sobre o tema vêm sendo desenvolvidas e múltiplas hipóteses são consideradas. Mas será que podemos dizer o mesmo sobre as amizades *off-line* mantidas por meio das mídias digitais?

A AMIZADE OFF-LINE E A COMUNICAÇÃO ONLINE

Da mesma forma que muitas amizades são iniciadas por meio das mídias sociais, também são notórios os casos de reencontros e reaproximações de amigos de infância realizados por meio da internet. Porém, se num primeiro momento os laços são recuperados, em muitos dos casos, a amizade mais profunda iniciada no mundo concreto não se refaz ou persevera.

Mas quais seriam os motivos para esse ‘esfriamento’ nas relações? As amizades iniciadas no mundo *off-line* não teriam o mesmo vigor quando transportadas para o mundo *online*? A Teoria da Proximidade Digital (HUMAN; LANE apud MARTINO, 2014) indica algumas hipóteses para a compreensão de tal fenômeno.

A partir da averiguação feita de que a internet era o meio pelo qual os universitários entrevistados na pesquisa – publicada em 2008 – mantinham suas amizades mais antigas, Reneé Human e Derek Lane buscaram também

compreender qualitativamente a diferença na comunicação entre as amizades feitas no mundo concreto e as amizades iniciadas nas redes.

O que se observou foi que a falta de novas memórias compartilhadas – ou seja, o resultado de histórias vivenciadas em comum – revelou-se um dos motivos do esfriamento da relação iniciada no mundo *off-line* ou, ainda, uma mudança da qualidade das amizades.

O estudo indicou também que a ‘proximidade funcional’, ou seja, a percepção de proximidade com alguém, não é o suficiente para manter online as amizades iniciadas no mundo concreto, pois há uma dificuldade na reprodução do o nível de interação possibilitada no ambiente concreto (MARTINO, 2014, p. 131). Ademais, notou-se a qualidade e a preservação das amizades iniciadas no mundo *off-line* foi modificada por conta da distinção das regras da comunicação do ambiente virtual.

UNIDOS PARA SEMPRE OU “ATÉ QUE O CELULAR NOS SEPRE”

Assim como a comunicação entre amigos têm se transformado profundamente na era digital, os relacionamentos amorosos também possuem particularidades comunicacionais típicas destes tempos. Para António Fidalgo (2009, p. 94) “a urgência constante de dizer ao outro que se ama e de ouvir dele que se é amado só se resolve na vida hodierna por celular”. O autor diz também que a mediação dos celulares é parte intrínseca dos relacionamentos entre os casais apaixonados do século XXI e poderia ser comparada às cartas de amor dos anos de 1800.

Nestas existências concretas o celular é um elemento necessário da identidade intendida e assumida. Se é difícil ou mesmo impossível dizer se uma existência autêntica é compatível com o uso de um celular, é relativamente fácil dizê-lo em circunstâncias e em empreendimentos definidos. Um amor autêntico pode exigir um celular, o compromisso pleno a uma causa pode exigir um celular, e assim por diante em múltiplas opções de vida (FIDALGO, 2009, p. 94).

Para ilustrar nossa reflexão, poderíamos pensar sobre a evolução das mídias nos últimos 200 anos e no processo de midiaticização do cotidiano. Em alguns casos, as cartas – a mídia mais usada pelos amantes do século XIX – demoravam meses para chegar às mãos do destinatário e a ausência e a falta eram elementos chave das paixões. Ao avançarmos através do tempo,

passaremos pelas inúmeras inovações que facilitaram a comunicação humana. Então, chegaremos até a realidade da segunda década do século XXI em um mundo cada vez mais midiaticado, caracterizado pelo excesso de informação e da contraditória, por vezes, sensação de presença constante.

Stig Hjarvard (2014, p. 23) diz experimentamos uma “*mediatização intensificada* [grifo do autor] da cultura e da sociedade que não está limitada ao domínio da formação da opinião pública, mas que atravessa quase toda instituição social e cultural, como a família, o trabalho, a política e a religião”. Defende também que, assim como as nossas ações e representações mentais, nossos relacionamentos em vários contextos – privados e semiprivados – são coproduzidos pelas mídias e que isso faz parte de uma revolução significativa.

Devido ao próprio processo de mediação, uma teoria da influência da mídia em mudanças estruturais na cultura e na sociedade não pode estar restrita somente às esferas públicas e políticas. Como consequência, a teoria da mediação contemporânea deveria oferecer um quadro teórico para a influência da mídia na cultura e na sociedade como um todo, mantendo a capacidade de esclarecer o desenvolvimento conceitual e os estudos empíricos dentro de áreas mais específicas da cultura e da sociedade (HJARVARD, 2014, p. 23-24).

Christine Linke (2011, p. 91) buscou compreender o processo da mediação na comunicação cotidiana dos casais. Para tanto, ela desenvolveu um estudo teórico-empírico por meio da metodologia da entrevista em profundidade com dez casais alemães com idades e realidades distintas. Ela também propôs que as pessoas registrassem individualmente as trocas comunicativas feitas num período de vinte e quatro horas por meio de diversas mídias em diários íntimos. O estudo considerou que os entrevistados fazem uso cotidiano de um vasto conjunto de mídia (*media assembles*), tais como: celulares, *e-mails*, mensagens, comunidades online, cartas, televisão, dentre outros (LINKE, 2011, p. 93).

Como exemplo de repertório e de trocas comunicativas, poderíamos citar: combinar encontros, avisar da chegada, telefonar para perguntar o que comprar no mercado, assistir seriados da Netflix juntos, compartilhar fotos do casal no Instagram e, até mesmo, discutir a relação por meio de mensagens de áudio no Whatsapp.

Os resultados demonstraram a integração da mídia no cotidiano, indicou o uso das mesmas no compartilhamento de um repertório comunicativo

específico dos casais e também um aumento de quantidade e aceleração da comunicação cotidiana midiaticizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DILEMAS E DESAFIOS

A revolução digital possui alta relevância para o desenvolvimento social, cultural e econômico no mundo contemporâneo, mas também indica que um processo de amadurecimento no uso das mídias parece ser necessário.

Observamos que as facilidades provindas do uso das mídias são acompanhadas também de desafios. As questões comunicadas por meio das mídias sociais reverberam em dilemas e questionamentos sobre a vida cotidiana: a compreensão sobre a própria identidade, a noção de tempo e espaço, discussões de ordem política, preferências de consumo, formação de amizades e relacionamentos amorosos, etc.

As fronteiras entre o público e o privado são flexíveis na era das mídias sociais. Estamos mais perto uns dos outros virtualmente, mas a solidão também é um dos temas mais presentes no dia-a-dia. Na proteção do anonimato, pessoas são agredidas verbalmente, imagens são expostas gratuitamente para milhões de pessoas, nem sempre de forma positiva.

Alexandre Cappelloza – docente do Programa de Pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo e responsável pelo projeto de pesquisa “Redução do tecnoestresse no trabalho: o papel dos líderes e liderados” – diz que “as tecnologias digitais são indispensáveis no dia a dia, porém também causam problemas e insatisfações aos usuários. A atratividade e a diversidade de aplicações tecnológicas podem gerar impactos negativos como o estresse tecnológico” (PORTAL METODISTA, 2018, s/n). Obviamente, podemos ampliar a reflexão sobre o que tais impactos causam no cotidiano para além da vida profissional.

A discussão acerca da presença das mídias digitais na vida cotidiana se torna cada dia mais pujante e revela ser um tema de enorme relevância dos estudos da comunicação. Consideramos que um vasto e infindável campo de pesquisa abre-se quando se observa que as análises não dão conta da velocidade com a qual as transformações que envolvem o uso das mídias nas relações pessoais e no próprio entendimento de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Relações líquidas: diferenças entre amizades reais e virtuais. O Conhecimento. **Humantech: Gestão do Conhecimento**. 13 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.oconhecimento.com.br/relacoes-liquidas-diferencas-entre-amizades-reais-e-virtuais/>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. Fronteiras do Pensamento. **YouTube**, 10 ago. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em: 31 out. 2018
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELL, Alan; WEINBERG, Martin. **Homossexualidades**. Informe da Fundação Kinsey. Trad. Aguilár/Torres. Madri, Debate, 1979.
- FIDALGO, Antônio. O celular de Heidegger: comunicação ubíqua e distância existencial. **Matrizes**, v. 3, n. 1, p. 81-98, 15 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38242/41026/>>. Acesso em: 29 out. 2018. GÔMES, Natalia; TOZZI, Elisa. O celular no controle. **Revista Você S/A**, n. 245, out. 2018.
- HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 24 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- KAHR, Brett. **Exibicionismo**. Rio de Janeiro: Viver Mente & Cérebro, 2005.
- LINKE, Christine. **Being a couple in a media world: The mediatization of everyday communication in couple relationships**. Communications 36 (2011), 91-111. Disponível em: <<https://sci-hub.tw/10.1515/comm.2011.005>>. Acesso em 23 out. 2018.
- MARTINO, L. M. S. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. In: **Revista Lumina**. Vol. 10, n. 2, p. 1-17, ago. 2016. Juiz de Fora: UFJF. Disponível em: <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/545>>. Acesso em: 29 out. 2018. MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PORTAL METODISTA. **Metodista pesquisará estresse causado pela tecnologia nos trabalhadores**. Stricto. Notícias, 02 out. 2018. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/stricto/noticias/metodista-pesquisara-estresse-causado-pela-tecnologia-nos-trabalhadores>>. Acesso em: 03 nov. 2018.
- RECUERO, Raquel. Redes sociais. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 403-411.
- SÁ, Fátima. Festas com fones de ouvidos, moda na Europa, chegam ao Rio. Cultura. **O Globo**, 10 jan. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/festas-com-fones-de-ouvido-moda-na-europa-chegam-ao-rio-3071532>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- SIBILIA, Paula. Por Que Nos Sentimos Sozinhos? por Paula Sibília | Philos TV. Canal Philos. **YouTube**, 28 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VckW-F8Oycc>>. Acesso em: 31 out. 2018.